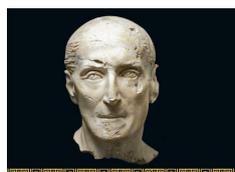




**MARTINS, Paulo. A Representação e seus Limites. *Pictura Loquens, Poesis Tacens*. São Paulo: EDUSP, 2021. 368 pp. ISBN: 978-65-5785-007-7.**

Book Review



A REPRESENTAÇÃO  
E SEUS LIMITES  
PICTURA LOQUENS. POESIS TACENS

Paulo Martins

12

Letícia Rodrigues Ferreira<sup>1</sup>

<http://orcid.org/0000-0002-8372-405X>  
[leticiaferreira@usp.br](mailto:leticiaferreira@usp.br)

Bruna Frasci<sup>2</sup>

<http://orcid.org/0000-0001-6491-343X>  
[bruna.frasci@usp.br](mailto:bruna.frasci@usp.br)

Lya Serignolli<sup>3</sup>

<http://orcid.org/0000-0002-7668-255X>  
[lyaserignolli@gmail.com](mailto:lyaserignolli@gmail.com)

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v10i1.50596>



Se analisada a produção de Paulo Martins, professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, é possível compreender o motivo de seu mais novo livro “A Representação e seus Limites. *Pictura Loquens, Poesis Tacens*” (2021), publicado pela Editora da Universidade de São Paulo. Formado (graduação, pós graduação e livre-docência) em uma instituição pública, o docente da USP tem devolvido — por meio de vasta publicação — o conhecimento que acumulou, ao longo destes trinta e um anos de estudos, à sociedade e às instituições que possibilitaram a materialidade de

<sup>1</sup> Graduanda do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, bolsista de Iniciação Científica FAPESP, sob orientação do Professor Livre-docente Paulo Martins.

<sup>2</sup> Graduanda do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, bolsista de Iniciação Científica FFLCH, sob orientação do Professor Livre-docente Paulo Martins.

<sup>3</sup> Doutora em Letras Clássicas pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Pesquisadora de Literatura e Línguas Clássicas.

sua carreira. De seu mestrado nasce *Elegia Romana: construção e efeito*; do doutorado, *Imagem e Poder*; e, por fim, da livre-docência, o novo livro sobre o qual aqui se fala.

Dividido em duas partes distintas, mas correlacionadas, o livro conta, primeiro, com prefácio do também professor da USP, João Angelo Oliva Neto, companheiro de estudos e pesquisas em boa parte, senão toda a carreira de Martins. Conta-nos, professor Oliva Neto, ter sido questionado pelo autor de *A Representação e seus Limites*, após uma aula da pós-graduação, acerca das pinturas que Eneias vê no canto I da *Eneida* e da relação com a filosofia platônica. A essa proposição, Oliva Neto chama “vislumbre” ou até “*insight*”<sup>4</sup>, pois fora justamente naquele momento que nascia parte do que se vem ocupando Martins ao longo dos anos.

Nos prolegômenos, por sua vez, o autor contextualiza o livro e também retoma o momento em que a representação passou a fazer parte de seus questionamentos, e, mais que isso, quando o estudo de imagens começa a se constituir como importante caminho a ser trilhado.<sup>5</sup> Já no mestrado, o professor estudou a construção da *persona elegiaca* no *Monobiblos*<sup>6</sup> de Propércio, isto é, a visualidade das personagens dessa poética. No doutorado, Paulo se aprofundou ainda mais na imagética, pois se propôs — e realizou — a ler as imagens figurativas ou discursivas de Augusto, tanto na poesia sob o principado, como também nas artes visuais.

Como bem coloca o professor Martins, esse tipo de estudo — a saber, a intersecção entre linguagens — não costuma ser comum no Brasil, sobretudo nos Estudos Clássicos.<sup>7</sup> Nisso está a importância desse tipo de pesquisa e, agora, de publicação.

*A Representação e seus Limites* está dividido em duas partes. A primeira se detém na constituição das imagens verbais<sup>8</sup> e na análise dos procedimentos retóricos que fazem parte desse processo — com especial ênfase na éctrase, dada sua exemplaridade. A segunda, no entanto, efetivamente analisa imagens da Antiguidade grega, helenística e romana<sup>9</sup> nas artes figurativas.

Ao tomarmos a primeira parte, encontramos um espaço de leitura de usos do *tópos pictura loquens* (pintura loquaz). Interessante é observar que a obra de Martins mostra-se em constante diálogo entre seus componentes. As temáticas e abordagens dos capítulos que aqui recebem destaque associam-se às de *Elegia Romana: construção e efeito* no que diz respeito ao espaço da elegia romana e seus lugares-comuns, especificados em “Uma Arquitetura da Elegia Erótica Romana”<sup>10</sup>, tal como o lamento, os jogos alusivos e a erótica.

<sup>4</sup> Martins, 2021, p. 23.

<sup>5</sup> “[...] a construção de imagens verbais passou a ser uma preocupação constante.” *Ibid.*, p. 26.

<sup>6</sup> Primeiro livro de elegias de Propércio. Também chamado *Cynthia*, conta com trinta e quatro poemas.

<sup>7</sup> Martins, 2021, p. 30.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 32.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 36.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 137.

Martins trabalha, por meio da seleção de poemas — a exemplo de Catulo 65, o contato entre a matéria poética e a construção de suas molduras, o que constrói aos olhos da mente<sup>11</sup> do leitor a ambientação e os elementos dos quais o autor fala: a écfrase e a digressão, enfoques do capítulo “Écfrase, Digressão e Elegia”<sup>12</sup>, com menções constantes a passagens e lugares da poesia properciana, especialmente no que tange à *persona*<sup>13</sup> poética Cíntia e à polissemia<sup>14</sup>, comum aos poetas romanos. Dentro do recorte da poesia elegíaca romana, portanto, o autor delineia dois vetores, por ele chamados “vetores de composição”, e divide-os entre dois campos: o essencialmente poético e o retórico.

Também é conferida importância, recorrente em sua produção, à questão da unidade entre os livros de Propércio<sup>15</sup> — e à não consensual divisão de seu segundo livro em dois<sup>16</sup>, proposta por Lyne a partir da elegia 2.11, a qual é tomada como último poema do “suposto” segundo livro — denominado 2A. O poema em questão passa a ser privilegiado como o limite para o esgotamento do material poético dos livros elegíacos propercianos, ou seja, do amor e sua *puella*.<sup>17</sup>

Uma das principais abordagens do capítulo, então, define as bases daquilo que é privilegiado pela atenção do autor na primeira parte do livro — a saber, a construção da imagem, entendida por ele como pintura.<sup>18</sup> Para que seja possível, portanto, entender seu processo de constituição, o autor diferencia dois conceitos-chave dentro da perspectiva do vetor retórico de composição: écfrase e digressão. Entendendo esses como fundamentais à comoção patética e ao deleite, são tidos como responsáveis pela argumentação ou ornamentação dos poemas.

Ademais, a obra de Martins possui interessante costura entre suas partes, haja vista a explicitação de episódios e símbolos ecfásticos — encontrados em Homero e Virgílio — nos dois primeiros capítulos da parte aqui mencionada. Nesse sentido, o terceiro capítulo define a écfrase como a descrição vívida responsável por trazer o objeto diante dos nossos olhos leitores. Por esse motivo, ela também é entendida como a antecipação de argumentos, ou seja, “a produção de algo invisível e incorpóreo diante dos olhos da mente”<sup>19</sup>. O autor ainda elucida sua preocupação em diferenciar o conceito de écfrase da simples descrição e, para isso, aponta elementos como

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 89.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 83.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 84.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 95.

<sup>15</sup> Desde a edição de Lachmann (1816), inauguraram-se as discussões sobre a extensão do segundo livro de elegias de Propércio. Martins (2017).

<sup>16</sup> Lyne, 2006, p. 72.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 90.

<sup>18</sup> Martins, 2021, p. 97. Assim, o texto de Propércio deve ser entendido como a pintura da pintura, afinal é uma pintura com/de palavras.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 88-89.

a “vivacidade, a interlocução afetada e o movimento que imprime limites entre a narração e a descrição”<sup>20</sup>. Tal capítulo, portanto, coloca as figuras de Cíntia e do Amor como matérias da elegia, mais especificamente nas figuras da pintura, do pintor e do sentimento amoroso. A poesia de Propércio é palco de várias metáforas ambíguas envolvendo Cíntia como amante e como chave metapoética, o que também acontece com Cupido e a guerra — no campo de batalha ou na cama.

Por fim, Martins defende que a elegia 2.12 de Propércio parece apresentar duas faces: como digressão, é responsável por retomar as elegias precedentes, o que constitui um argumento sintetizador delas; como écfrase, pode ser a abertura de um outro possível livro que abordará assuntos para além do jogo amoroso que envolve a figura de Cíntia.

Com relação ao que chamamos elegia, o já mencionado capítulo “Uma Arquitetura da Elegia Erótica Romana” busca tratar da forma programática de construção do gênero dentro do viés romano, cuja marca detém-se sobre o erótico.<sup>21</sup> O autor traça um panorama ao passar por Cornélio Galo e Catulo, e também aborda as variações encontradas em comparação ao padrão grego das elegias. O aspecto programático da elegia, portanto, parece se relacionar com a expectativa da repercussão de algumas imagens já esperadas no gênero.

O que é chamado *arquitetura do gênero*, dessa maneira, constitui-se pela forma e matéria das elegias, as quais são observadas no poema 65 de Catulo, exemplo em tal análise. O gênero elegíaco se funda, nesse sentido, no dístico elegíaco, cuja forma se dá pela associação do hexâmetro datílico ao hexâmetro datílico cataléptico, além de, materialmente, fazer referência aos lugares-comuns aqui já mencionados: lamento, alusões poéticas e amor. Todavia, Martins não deixa de ressaltar que o aspecto temático não pode ser o único marcador da elegia. Segundo ele, a partir do panorama histórico, os gêneros passam a ser delineados sobretudo pelo aspecto métrico; neste caso, no dístico elegíaco. Consequentemente, deve haver na elegia a multiplicidade temática.<sup>22</sup>

Ademais, o capítulo ainda aborda a figura da maçã, presente na última estrofe do poema 65 de Catulo. Configura-se, assim, alusão à maçã, ligada principalmente ao episódio do julgamento de Páris e a eleição de Vênus, o que, por meio deste *exemplum*, evoca o erotismo e corresponde ao rubor da menina no poema do poeta *novus*. Também o desdobramento das relações amorosas dos primeiros elegíacos — a saber, Délia, Lésbia ou Corina — estará presente em poéticas latinas de outras gerações. Ademais, serão comuns tópicos tais como o regaço, as vestes suaves e o ato sexual, encontradas diversas outras vezes dentro do universo deste gênero.

A segunda parte do livro, chamada “*Poesis Tacens* — Poesia de Imagens”, como sugere o próprio nome, visa a tratar, antes, das artes figurativas na poesia antiga. Os dois últimos capítulos, não

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 94.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 138.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 139.

mais importantes que os outros, chamam-nos atenção. Em “Texto e Imagem: História”<sup>23</sup>, Martins dialoga com parte de sua produção, visto que a História como disciplina tem sido muito presente em seus textos. Não é raro, por isso, que *Imagem e Poder* — ou outras de suas leituras — tenham sido incluídas também em cursos de graduação em História pelo país. Mas se há algum descompasso entre disciplinas, Martins não parece temer costurá-las em *A Representação e seus Limites*.

É mister, em uma leitura que se pretende histórica, estabelecer conceitos e metodologias dessa disciplina. Primeiro, o autor lembra-nos da separação que Jacques Le Goff faz entre documento e monumento<sup>24</sup>, pois que o primeiro se associa ao discurso, tendo ele “progressão narrativa e, portanto, temporal”<sup>25</sup>, e o segundo diz respeito à visualidade, sendo “simultâneo, imediato, logo, desprovido de progressão temporal, já que se subordina à simultaneidade do olhar”<sup>26</sup>. O discurso parece ser importante, mas o que o Martins parece destacar é o monumentum, isto é, os registros imagéticos.<sup>27</sup> Esses, atentando-se aos meios em que se vinculam às formas próprias de elocução, devem ser “importantíssimos documentos de história política e econômica de um determinado hiato temporal, logo, sua inclusão como fonte seria óbvia”. Dessa maneira, mesmo a imagem não-verbal se coloca como importante fonte na construção de uma História Antiga.

Já visto em *Imagem e Poder*, o processo de construção da imagem de Augusto na construção de sua *auctoritas* — isto é, de uma (ou várias, em parataxe) imagem que valida sua autoridade como *princeps* — tem sido ponto de encontro nas visões do professor. Diz-se, primeiro, que Otávio procura sistematicamente validar suas *auctoritas* e *potestas*, esforço que condiz com os valores republicanos.<sup>28</sup> Segundo, as imagens parecem sempre destacar sua posição como restaurador da República. Ao tema republicano, porém, Martins nos catapulta ao último capítulo do livro<sup>29</sup>, em que ele questiona a existência de uma cultura imperial romana, tanto no recorte do termo “imperial”, quanto na existência de apenas uma única “cultura imperial”<sup>30</sup>. Se em Roma o conceito de império (*imperium*) tem mais relação com o *poder* exercido — visto que essa seria mesmo a tradução correta — seria inadequado utilizá-la na busca de princípios ou motivos que reúnam sob um mesmo teto a cultura produzida no Principado, vocábulo que Martins diz preferir utilizar. Também consideramos que seja inconveniente usar tal palavra — Império —, pois além de ter seu sentido deslocado, lembra-nos o imperialismo europeu dos séculos XIX e XX; bem diferentes do que teria sido Roma.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 263-290.

<sup>24</sup> J. Le Goff, “Documento/Monumento”, 1996, p. 535-549.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 264.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 264.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 266.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 292.

<sup>29</sup> “*Imagines romanae: cultura imperial e poder*”, p. 291-310.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 291.

Ademais, voltando ao capítulo anterior, tem-se a visão do professor sobre Império e República. É bem verdade que período tardo-republicano costuma ser assunto de conflito na História Antiga produzida nos séculos XX e XXI, como demonstra Antonio Duplà em seu texto “Interpretaciones de la crisis tardorrepblicana: del conflicto social a la articulación del consenso”. Nesse trabalho, o francês reúne uma série de outros estudiosos que discordam sobre o tema, tais como Hans Mommsen, Ronald Syme e Fergus Millar. Todavia, aqui no Brasil, certo texto de Fábio Faversoni — “Entre a República e o Império: apontamentos sobre a amplitude desta fronteira” — é exemplar em questionar a arbitrariedade com que a disciplina histórica tem periodizado os dois regimes políticos.

Martins escreve, no mesmo número da revista *Mare Nostrum* em que o texto supracitado foi publicado, comentário sobre tal pesquisa, dizendo, sobretudo, concordar com a tese de Faversoni<sup>31</sup>, pois que havia muito de “imperial” na República e, mais ainda, de “republicano” no Principado, haja vista os esforços de Augusto em se colocar como restaurador do sistema e dos valores republicanos<sup>32</sup>, tal como demonstra o professor, mas agora em *A Representação e seus Limites*.

É possível, dessa maneira, que se compreenda o motivo de ser do novo livro do professor, pois está inserido no contexto de sólidas e substanciais produções e carreira, marcadas pelo estudo de imagens, de discursos amorosos em Roma, da “poética política” sob Augusto, das artes visuais na Antiguidade e do flerte de Paulo Martins com a História. Por fim, visualiza-se um *curriculum* que é resultado de uma carreira acadêmica já consolidada, superando a marca de três décadas, além das frutíferas atividade intelectual e docência.

## Referências bibliográficas

- DUPLÀ, A. “Interpretaciones de la crisis tardorrepblicana: del conflicto social a la articulación del consenso”. *Studia Historica. Historia Antigua*, Salamanca, v. 25, p. 185–201, 2007.
- FAVERSANI, F. et al. “Debate: Entre a República e o Império: apontamentos sobre a amplitude desta fronteira”. *Mare Nostrum*. São Paulo, v. 4, n. 4, p. 100–152, 2013. <https://doi.org/10.11606/issn.2177-4218.v4i4p100-111>
- MARTINS, P. Ekphrasis, Digression and Elegy: The Propertius’ Second Book. *Classica – Revista Brasileira De Estudos Clássicos*, 30 (1), 175–192, 2017. <https://doi.org/10.24277/classica.v30i1.437>
- MARTINS, P. *A Representação e seus Limites Pictura Loquens, Poesis Tacens*. São Paulo: Edusp, 2021.
- LYNE, R. “Introductory poems in Propertius: 1.1 and 2.12.” *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, 44, 158–181, 1999.



<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 119.

<sup>32</sup> Cf. nota 15.